EXPOSIÇÃO TEIXEIRA LOPES

No Gabinete Portuguez de Leitura

O INTERESSE mercantil de um homem de bom gosto — e louvavel interesse! — levou-o a organisar, como póde e a possibilidade lhe consentiu, uma exposição d'alguns trabalhos em original e reducções em gesso e bronze do Sr. Teixeira Lopes, o glorioso artista portuguez que, em nosso tempo, augmenta de brilho o valor esthetico do velho povo lusitano.

Por menos que o Sr. Bernardino Lobo, organisador da exposição, pensasse no resultado moral dessa tentativa, o seu sentimento patriotico deveria esperar desvanecimentos agradabilissimos attendido o merito incontestavel do artista, do qual contamos os primores, ainda não bem estudados, que revestem os portões da frontaria da Candelaria; mas, com isso, nunca lhe occorreria a idéa de que vinha prestar serviço d'alta valia ao nosso estheticismo ronceiro, pondo-nos em cantacto com uma obra onde o esmero do relevo não distróe a espiritualidade da sua origem nem della se differencia com vantagem supplantadora.

Infelizmente, motivos plausiveis impedem que essa exposição exceda do valor contido, trazendo-nos a grandiosidade creadora do monumentalista rével na massa empolgante e fremente da sua obra de largo tracejo.

Não obstante o lamentavel de tamanha impossibilidade, a obra alli reunida é um documento de arte, em que se sente relampejar o genio na modelagem febril ou cariciosa dos typos arrancados á materia bruta, aos golpes de pollegar e raspões d'esboçadores, num jôrro horebeano de vida imperecivel, qual sóem ter os entes maravilhosos creados pelo deus-homem, eternamente vivos sobre a ondulação viajeira dos seculos.

E basta olhar, de relance, essa obra, para sentil-a poderosa e inteiriça na sua dualidade de trabalho esculptural e no seu expressivismo de arte.

De caso pensado estabeleço o desquite das componentes intrinsecas da obra, porque o principio de que num trabalho d'arte — fórma e idéa se confundem — é cousa de complicada discussão para os bugres de *cartóla* que formam a maioria sabichona do nosso endruxulo meio intellectual. E vae de vêr que, já por tanto, se coça com o pruido de me sahir á frente um cucumby tregeiteiro, com o cocar farcista da grammatica e o maracá chocalante da sabença, a zurrar parvoiçadas hostis com intento de se mostrar erudito... e *profundo*. Esse — profundo — é a mania delles.

Desunidas as componentes e postas em estimativa á parte, comprehende-se que a obra do Sr. Teixeira Lopes é trazida ao vivo por admiraveis decalcos de pollegar, duma certeza rara pelo que resume de maciez e meiguice, e raspagens violentas, a arremessos nervosos, dos esboçadores impulsionados pela indicação do seu apparelho optico rigorosamente educado no equilibrio da eurythmia.

E' desta equivalencia de feitura que resulta a feição altamente decorativa da sua obra, e não do assumpto, porque esse depende, visivelmente, de influencias intellectuaes. A caracteristica decorativa, que se lhe inculca, não desmerece como talvez queiram-na disvirtuar, a severidade do trabalho.

A esculptura é, por excellencia, uma arte decorativa, symbolica e mythica. Se lhe faltam esses caracteristicos falseia na sua funcção. O que se lhe póde exigir, na rijeza preconceituosa da gravidade, é que ella se não declive para o arrebique ou a chinozeria, do que procede o apoucamento do seu valor como producto cerebral.

Ora, a obra do Sr. Teixeira Lopes, 'inda que fixada no retrato ou nos motivos de bustos, se evi-

MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ

BAIXO-RELEVO (BRONZE)

dencia pela concepção que a originou. E' o quanto nos surprehende nessa *Cabeça de Creança*, onde o marmore ganhou delicadezas adolescentes e o cinzel conseguiu, como por encanto, dár vida expressiva aos olhos que, no branco fôsco da pedra, se nos afiguram celestemente azues, mas desse azul como deve ser o céo para impressão optica do primeiro entendimento das creanças.

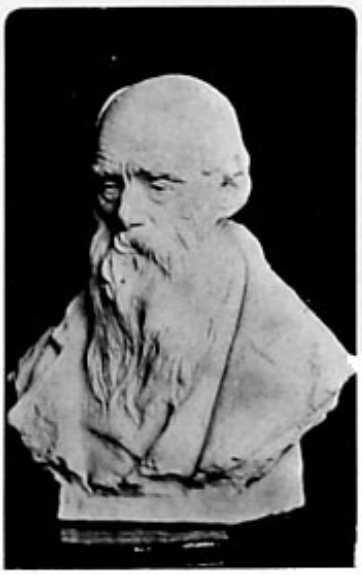
E' em verdade, uma cabeça de bambina, alli retida, formosa na sua frescura, adoravel no tom macio da cutis, palpitante na mobilidade apparente dos olhos, na innocencia da sua bocca, no dizer inconsciente da sua visagem em que reside o encanto mysterioso duma corolla fechada em botão. Alli está a obra do pensamento. E a obra do fazedor vem da gracil naturalidade de seus cabellos, do minucioso cuidado de afilar-lhe o narizito, de pôr-lhe em beijo a bocquinha, de arrendondar-lhe o pescoço e vistir-lhe de rendas os pequeninos hombros estreitos.

E ainda temos essa cabeça de octagenaria, curtida nas soalheiras das fadigas, vincada, escavada pelas vicissitudes; rosto que se perdeu na dureza ossea das caveiras, caveira em que a vida bruxuleia e parece a ironia dos tumulos á transitoria perfeição da forma humana. E' uma idéa como expressão e como trabalho põe a notada sua ironia onde quer que esteja, onde quer que a colloquem, sobre a mesa rasa de um escriptor ou sobre o tampo de marmore dum consólo. A sua verdade é inconcussa. Constitue um documento de vida que se não póde retutar porque é a propria vida dentro da sua decadencia. Irrita pelo que representa, encanta pelo modo porque está feita. Symbolisa a fatalidade dos seres e guarda, no seu aspecto de mumia, o vislumbre do que foi. E' como uma flôr resequida, que não lembra a belleza do seu viço, mas não deixa de ser uma flôr. A velhice possue o debuxo reconstituido do passado, mas ninguem dirá, com precisão, a forma rigorosa que teve.

CABEÇA DE OCTAGENARIA

E é para onde iremos, formosas leitoras, vós todas e eu tambem. Um dia seremos isto, esta devastação que póde ser hilare... se não houver a doce alma dum artista que a transforme em terno objecto precioso !...

E' como ess'outra cabeça, a de *Viuva*, destacada duma estatua em grupo, cabeça dolorosa, apanhada na realidade, vivificada no barro, fundida no bronze. Ella tem o extasiamento duma dôr que lhe não contorce os musculos faciaes, lhe não aleija o rosto, masse revela nos olhos, nmodo de estar, n'attitude, na concentração.



Comprehende-se-lhe a intensidade do pezar. A alma afflúe ao semblante e fala sem esgares e gritos. Dóe-lhe o coração ao refluir do sangue. Um céo pardo e fechado estende-se-lhe no cerebro, sobre um oceano arfante. Na calmaria ha arrepios dissimulados de apprehensões. E fica-lhe um écho nos ouvidos, o écho dum som cavo e cortante, que ao cahir da tampa do ataúde soou no tremor quente

do espaço turvado pelos soluços. E' o *nunca mais* horrivel da vida, esse ponto final da existencia que parece cahir das alturas como um borrão negro sobre a terra, e tomba sem estalar, sem espadanar-se, deixando no seu alvo o nada, porque o olhar nada vê nem encontra nada...

O Sr. Teixeira Lopes retem as emoções como se as gravasse; poder-se-ia dizer que a sua espiritualidade se dessóra pelos póros da mão trabalhadora e se transmitte ao barro e á pedra, revestindo o contorno da mascara humana.

E se quereis, meus senhores, attender ao busto do amado Eça de Queiroz, o mesmo que serviu, assim creio, para a bellissima esculptura monumental do jardim d'Alcantara, em Lisboa, ahi vereis como a sua phisionomia vive na expressão, como o artista do cinzel entendeu o artista da palavra escripta e lhe deu o «modo de ser» eterno no marmore.

CABEÇA DE CREANÇA

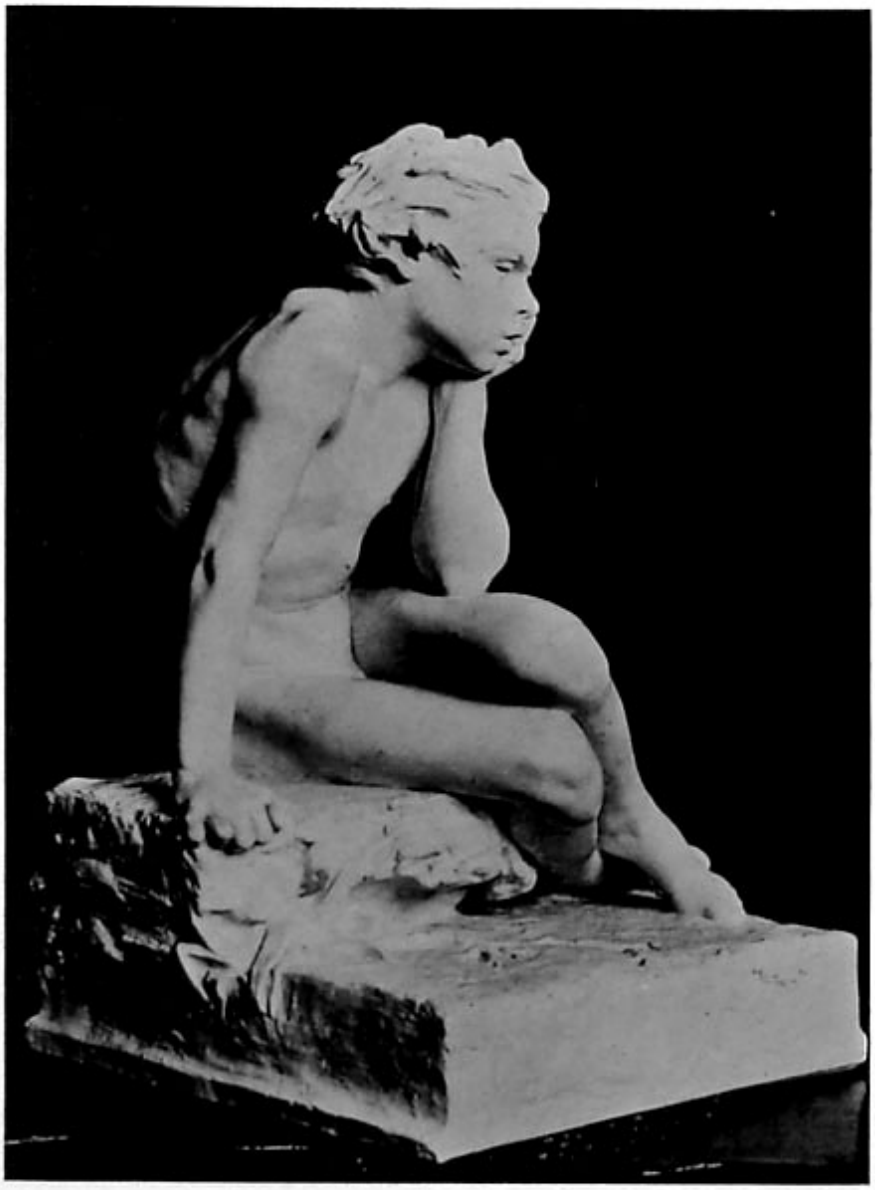
CARIDADE

Vêde como a ironia fina e risonha da sua bocca, arregaçada pel'alfinetada do sceptecismo moderno, crystalisa a minucia typica e recorda, admiravelmente, a elegancia diabolica do alegre philosopho mundano. Vêde como esse olhar analysa sorrindo e sorrindo caustica, e como n'orbita direita, a que falta o disco de vidro costumario (pois fazel-o seria ridiculo) ha o vinco dum habito, como nos deixando perceber o monoculo casquilho do petulante inquiridor da alma alheia! E a cabeça, que admiramos, é um retrato, exactamente um retrato, porque sobre o preciso delineio physico transparece a espiritualidade que o animou.

E notae ainda neste baixo relevo de velha mulher a vida que o illumina, a verdade do seu sorriso, o chammejar turvo dos seus olhos!...

DECRIPITUDE

A parte emotiva da obra do Sr. Teixeira Lopes é conseguida pela estylisação da sua esculptura, advem da idiosyncrasia que o modela individualmente e o destaca em alto relevo da mediocridade contemporanea dos habilidosos.



CAIM

Alem disso, a sua obra surge dos esboçadores ou do escopro embebida do subjecticismo da nacionalidade em que se fez. Nella está a dôr portugueza, dôr que se não confunde com a de outros povos, dôr é que gemida em versos e se exteriorisa pela contemplatividade, e que ha seculos ficou n'alma lusitana com a nostalgia do offuscante passado aventureiro.

Esse bello baixo relevo da *Decripitude*, a serena e dulcissima *Caridade* são productos dum atavismo ethnico, a que se não podia esquivar o artista, vindo duma corrente directa portugueza, filho de pae artista elle proprio homem de habitos concentrados, afeito ao recolhimento da officina e á meditação do estudo. E é por isso que nesse mesmo *Caim*, obra dos primeiros tempos mas corrigida depois, o remorso que o môrde tem alguma cousa de melancolico. E, apesar da attitude contorcida, bossuda, desesperada, do seu corpo; da tragica fixação do seu olhar, do martyrio concentrado na sua mascara, essa melancolia transluz da sua expressão e permanece visivel como um evocado espectro da *saudade*.

E' isso o que sinto nesta exposição e que mais deve se accentuar na sua grande obra, onde a febre do trabalho deixou a marca indelevel da sua tortura e pôz, para todo o sempre, o fulgor do seu pensamento.

Outubro de 1905.

GONZAGA DUQUE.